

Avaliação da Ficha Catalográfica do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará

Mateus da Silva Reis

Universidade Federal do Pará

Marcela Guedes Cabral

Universidade Federal do Pará

Palavras-chave: Documentação Museológica. Avaliação. Ficha Catalográfica. MIHGP.

RESUMO

O presente estudo buscou investigar se a ficha catalográfica do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (MIHGP) é eficaz no processo de registro de informações, a partir da aplicação de um questionário avaliativo. Trata-se de uma pesquisa descritiva e experimental, de abordagem quanti-qualitativa e utiliza, enquanto instrumento de coleta de dados, um questionário semiestruturado. Como resultados, notou-se que a ficha de catalogação do MIHGP obtém um bom êxito em registrar e organizar os dados informacionais dos acervos museológicos. No entanto, compreendeu-se que os avaliadores apresentaram algumas ressalvas a respeito da organização dos seus campos, assim como a ausência de especificações referentes a outros itens de preenchimento. Ressalta-se que foram também levantadas dúvidas a respeito de alguns campos, que, para os avaliadores, não possuíam nenhuma relevância.

Keywords: Museological Documentation. Evaluation. Cataloguing. MIHGP.

ABSTRACT

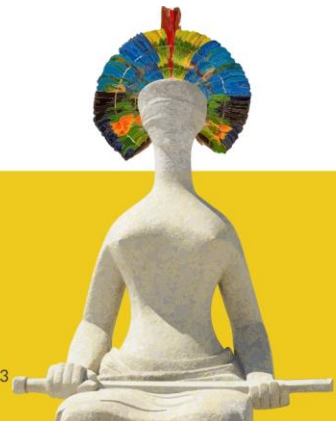
This study aimed to investigate whether the cataloging sheet of the Museum of the Historical and Geographical Institute of Pará is effective in the process of recording information, by applying an evaluative questionnaire. This is a descriptive and experimental research, with a quantitative and qualitative approach and uses, as a data collection instrument, a semi-structured questionnaire. As a result, it was noted that the MIHGP cataloging form is very successful in recording and organizing informational data from museum collections. However, it was understood that the evaluators had some caveats about the organization of their fields, as well as the lack of specifications regarding

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



other completion items. It is noteworthy that doubts were also raised about some fields, which, for the evaluators, had no relevance

1. INTRODUÇÃO

A documentação em museus é considerada uma das principais vertentes na gestão dos acervos museológicos, sendo assim, esta se responsabiliza pela organização, registro e mediação da informação (ROCHA, 2014). Partindo deste princípio, um museu deve, em uma de suas funções primárias, desenvolver e adotar métodos que possibilitem a documentação de suas coleções.

Nesse sentido, o Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (MIHGP), localizado no Centro Histórico de Belém – Pa, no bairro da Cidade Velha, junto ao projeto de extensão, denominado “Projeto de Documentação dos Acervos Museológicos do MIHGP”, coordenado pela Prof.^a Msc. Marcela Guedes Cabral e proveniente da Universidade Federal do Pará (UFPA), desenvolveram um sistema de documentação com intuito de suprir as necessidades advindas dos acervos históricos que o Museu abriga. A construção desse sistema teve como objetivo propor métodos para a organização do acervo, a partir da elaboração de fichas e documentos que possibilitassem facilitar o fluxo e atualização dos dados referentes aos objetos.

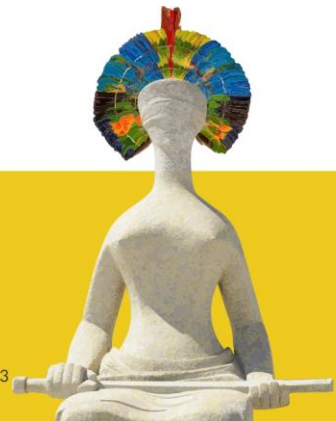
Deste modo, foram desenvolvidos instrumentos de diagnóstico documental a curto prazo, como fichas de arrolamento, e, posteriormente, um instrumento de registro a longo prazo, a ficha catalográfica. Partindo do pressuposto funcionalista, onde todas as partes de um sistema possuem máxima importância para o seu eficaz funcionamento, pode-se afirmar que a ficha catalográfica é o ponto chave na organização e o registro de informações, possibilitando a descrição do conteúdo do objeto museológico e auxiliando nas próximas etapas de comunicação e representação informacional.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



A ficha catalográfica do MIHGP, além de sua responsabilidade de registrar, pode ser considerada como um dos instrumentos que sustentam o sistema de documentação do museu. Para o funcionamento geral do sistema, a ficha catalográfica deve estar estável e sem erros de registro. Entretanto, não havia nenhuma constatação de que a ficha catalográfica funcionasse em totalidade no processo de registro da informação. Dessa maneira, tornou-se necessário propor uma investigação acerca do funcionamento deste instrumento.

Esta pesquisa tem por objetivo investigar se a ficha catalográfica do MIHGP é eficaz em sua missão de registro de informações, a partir da aplicação de um questionário avaliativo. Trata-se de uma pesquisa descritiva e experimental, de abordagem quanti-qualitativa e utiliza, enquanto instrumento de coleta de dados, um questionário semiestruturado. Os procedimentos metodológicos configuraram-se em quatro etapas: o desenvolvimento do questionário avaliativo de cinco perguntas; o delineamento do perfil dos avaliadores, selecionando dez indivíduos; aplicação dos questionários junto aos indivíduos; a tabulação dos dados.

2. INSTRUMENTOS DE DESCRIÇÃO MUSEOLÓGICA: A FICHA CATALOGRÁFICA

A ficha catalográfica de acervos é um dos principais instrumentos que compõem um sistema de documentação em museus. Este instrumento possui a missão de registrar as informações referentes à determinada peça, a partir da elaboração de campos eficazes que possibilitam esta ação. Para Padilha (2014), a ficha catalográfica pode ser compreendida como um documento de auxílio no processo de registro das informações de uma peça. Botallo (2010) reitera sobre a utilização do documento de catalogação como uma ferramenta de trabalho, no qual este possibilita um agrupamento de dados informacionais. À vista disso, pode-se afirmar que a ficha de documentação possibilita o registro, organização e, talvez, uma possível difusão das características do objeto museológico.



Historicamente, a ficha catalográfica fora utilizada em diversos sistemas de documentação museológica, onde estes percorreram um lento processo de desenvolvimento e otimização de suas técnicas e métodos (CERAVOLO; TÁLAMO, 2007). Deste modo, entende-se que junto à lenta evolução da documentação museológica no meio científico, a ficha catalográfica sofreu as mais diversas mudanças em seus campos. Contudo, mesmo com o corte ou extensão de suas propriedades, este instrumento sempre foi dotado de sua característica primária, a captação de informações.

Além disso, a ficha catalográfica possui em sua principal missão o registro e organização das informações e dados coletados de determinada peça. Deste modo, é correto afirmar que este instrumento funciona como uma identidade de um objeto museológico salvaguardado pelo museu, fornecendo uma numeração de inventário e uma classificação adequada para o enquadramento deste objeto no banco de dados da instituição.

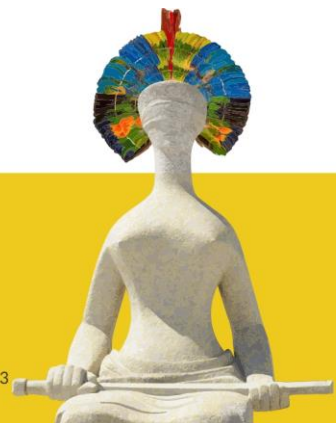
Funcionando também como auxílio para o profissional de museu, uma ficha catalográfica sustenta grande parte das experimentações e investigações referentes ao objeto museológico. Para Ferrez (1994), este documento de registro e organização compõe o sistema de documentação de um museu, mediante a isso, este se responsabiliza, junto ao museólogo, pela intermediação entre o pesquisador e as informações contidas no artefato. Dessa maneira, o caráter aproximativo que possibilita a relação homem x objeto se faz presente em uma das funções deste instrumento catalográfico.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



3. O MUSEU DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ E A FICHA CATALOGRÁFICA

O Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará foi criado em conjunto com a reinstalação do IHGP, em 1917. No processo de reinstalação, a criação de um arquivo, uma biblioteca e um museu, foi prevista nos Estatutos do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Capítulo VIII, Art. 44, no qual é afirmado que “O Instituto manterá organizada uma Biblioteca, um Arquivo e um Museu, onde sejam colecionados, conservados e expostos livros, mapas, selos, cédulas e moedas antigas, documentos e objetos relativos à Geografia, História e afins” (ESTATUTOS DO IHGP, p. 17).

O MIHGP se responsabiliza pela preservação das peças relacionadas à história paraense. Junto com a instituição regente, foram produzidos estudos e levantamentos referentes ao Solar e aos acervos residentes. Em 2014, a perspectiva museológica chegou e se intensificou no Museu, por meio da parceria entre a Universidade Federal do Pará (UFPA) e a Instituição, através da execução do Projeto de Documentação dos Acervos Museológicos do MIHGP, coordenado pela Prof.^a Msc. Marcela Cabral, do Curso de Museologia da UFPA. O projeto se estendeu e possibilitou o desenvolvimento e avanço do MIHGP. Destaca-se a criação de uma Reserva Técnica e um sistema de documentação, que possibilitou a realização de oficinas técnicas de conservação e documentação. A coordenação do projeto também se comprometeu em desenvolver estudos referentes ao histórico, formação e salvaguarda do acervo, no qual são propostas análises específicas dos objetos e seu contexto de origem.

O Museu conta com peças que contribuem para a história da região, chamando atenção para um resguardo do valor da memória e incentivando a pesquisa na instituição. Nos salões do edifício encontram-se diversos mobiliários encomendados pelos antigos proprietários do espaço, além de bustos espalhados pelos corredores do Solar. Na reserva técnica, há medalhas, espadas e demais armarias, algumas indumentárias e diversos quadros armazenados. A partir de um diagnóstico por



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

parte do Projeto de Documentação, o acervo do MIHGP dividiu-se em cinco diferentes esferas: Numismática e Medalhística, Mobiliário, Armaria, Indumentária e Artes Visuais.

Por possuir uma extensa gama de peças, o MIHP, junto ao Projeto de Documentação, desenvolveu instrumentos de pesquisa que permitissem a investigação do objeto, a partir do tratamento descritivo deste. Entre os instrumentos, destaca-se a ficha catalográfica enquanto principal instrumento de organização e representação da informação dos objetos do MIHGP.

A ficha catalográfica do Museu surgiu como um dos resultados obtidos nas primeiras etapas do Projeto de Documentação desenvolvido na instituição, deste modo, é correto afirmar que este instrumento foi idealizado por meio do estudo e quantificação das peças residentes no MIHGP. À vista disso, esta ficha buscou abarcar todas as propriedades presentes nas características de um objeto ou coleção, formulando campos que pudessem suprir todas as necessidades que apareceram nos primeiros processos de registro das coleções da instituição.

Anteriormente, o MIHGP era dotado de documentos que apresentavam pouquíssimas informações a respeito da formação do acervo, seus dados intrínsecos e seu histórico de doação. Mediante a isso, este instrumento de catalogação procurou traçar um horizonte de informações mais aprofundadas, possibilitando a da temática dos objetos e a quem pertencia estes.

Ressalta-se que a ficha catalográfica em vigor está sendo utilizada, como principal foco, na pinacoteca do Museu. Além disso, a ficha catalográfica, até o presente momento, não está apresentando erros de preenchimento redundantes. Baseada no modelo apresentado por Cândido (2006), este instrumento colabora, em uma visão não aprofundada, no registro e organização das informações pertencentes aos objetos descritos. Sob uma análise superficial, pode-se afirmar que este documento de catalogação abarca uma porcentagem considerável de dados a respeito de um objeto.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

Contendo 38 campos de registro, divididos em questões referentes às dimensões físicas, identificação de doador, questões temáticas e de contexto do objeto, a ficha catalográfica do MIHGP torna-se necessária para o desenvolvimento de futuras pesquisas e narrativas expográficas. Entretanto, não é constatado que este instrumento consegue registrar e organizar uma porcentagem máxima de dados. À vista disso, tornou-se necessária a formulação de uma metodologia de avaliação que pudesse investigar mais a eficácia desta ficha. Deste modo, esta pesquisa buscou formular um método de avaliação da ficha catalográfica do MIHGP, como podemos acompanhar no tópico a seguir.

4. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa é de natureza descritiva e experimental, de abordagem quantitativa e utiliza, enquanto instrumento de coleta de dados, um questionário semiestruturado. Os procedimentos metodológicos configuraram-se em quatro etapas: o desenvolvimento do questionário avaliativo de cinco perguntas; o delineamento do perfil dos avaliadores, selecionando dez indivíduos; aplicação dos questionários junto aos indivíduos; a tabulação dos dados.

Utilizada somente na pinacoteca do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, a ficha catalográfica do MIHGP, que é objeto de estudo desta pesquisa, busca contribuir ao máximo em sua missão de registro da informação das telas. Informações estas que poderão ser utilizadas para a criação de conhecimentos futuros, visando, como primeira instância, o público referente aos profissionais de museus e pesquisadores interessados. A proposta de avaliação desse instrumento surgiu com intuito de investigar se esta informação registrada está em suma totalidade e coerência. Dessa maneira, com o intuito de propor uma avaliação que abarcasse os diferentes campos responsáveis pela documentação museológica do MIHGP, esta pesquisa formulou um questionário de avaliação da dinâmica e dos campos da ficha, conforme explicitado a seguir:



**4º SE
BRA
MUS**

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

4.1 QUESTIONÁRIO AVALIATIVO

O questionário de avaliação da ficha catalográfica do MIHGP é um instrumento metodológico que possibilitou testar a eficácia deste instrumento na perspectiva do registro das informações presentes nas telas da pinacoteca do Museu. Este buscou avaliar os campos da ficha a partir da perspectiva de profissionais e pesquisadores, onde foi possível descobrir quais setores eram ineficazes.

Este questionário é composto por cinco interrogativas que possibilitaram não só a avaliação dos campos, como também sugeriram novos setores de registro e contribuíram para conhecimento de novos pontos de vista.

A primeira interrogativa, definida com a pergunta “QUAL DESSAS FORMAS VOCÊ SOLICITARIA A RECUPERAÇÃO DO QUADRO PRETENDIDO PARA UMA PESQUISA?”, buscou avaliar a eficácia do sistema de recuperação de informações do Museu. Esta pergunta apresenta as seguintes alternativas: PELO NÚMERO DE INVENTÁRIO; PELA PERSONALIDADE RETRATADA NA TELA; PELO ESTILO ARTÍSTICO DA PEÇA; PELO CONTEXTO E DATAÇÃO HISTÓRICA; PELA AUTORIA DA PEÇA REQUERIDA; PELA DATA E MODO DE AQUISIÇÃO DA PEÇA; OUTRAS / QUAIS?. Com o intuito de ser marcada somente uma alternativa, esta pergunta tem como objetivo maior simular a entrada de um pesquisador, ou profissional, no MIHGP, onde este estava em busca de uma tela para a realização de pesquisa. Caso o indivíduo não se adequasse à nenhuma das alternativas, este poderia marcar a opção “Outras”, sugerindo assim uma outra forma de recuperação.

A segunda interrogativa deste questionário, definida com o comando “AVALIE OS CAMPOS DA FICHA CATALOGRÁFICA DA PINACOTECA DO MIHGP ATRIBUINDO NOTA DE 0 (ZERO) A 10 (DEZ), SENDO 0 DE POUCA RELEVÂNCIA E 10 GRANDE RELEVÂNCIA”, buscou avaliar diretamente todos os campos já apresentados anteriormente. Este comando permitiu aos avaliadores determinar uma nota



de relevância para cada campo de registro, a partir da atribuição de nota 0 para um campo de pouquíssima relevância, e nota 10 para um campo de excelência.

A terceira interrogativa deste questionário, definida com a pergunta “VOCÊ RETIRARIA ALGUM CAMPO DA FICHA?”, buscou propor ao avaliador a opção de retirar algum campo da ficha catalográfica, a partir da noção deste do que não era eficaz na dinâmica de registro das informações. Com as alternativas “Sim/Não”, o indivíduo poderia avaliar a ficha a partir de sua visão, onde “Sim” representava a insatisfação com algum campo e “Não” afirmava a satisfação com os campos presentes na ficha. Com isso, esta pergunta ainda apresentava um complemento para identificar o campo que causou insatisfação.

A quarta interrogativa deste questionário, definida com a pergunta “VOCÊ ADICIONARIA ALGUM CAMPO NA FICHA?”, buscou propor ao avaliador uma maneira de sugerir novos campos para a ficha catalográfica. Com as alternativas “Sim/Não”, o indivíduo poderia propor um novo campo a partir da marcação do “Sim”, ou se afirmar satisfeito com os campos, a partir da marcação do “Não”.

A quinta, e última, interrogativa, definida com a pergunta “EM SUA OPINIÃO, VOCÊ ACREDITA QUE A FICHA CATALOGRÁFICA DA PINACOTECA DO MIHGP OBTÉM ÊXITO NO REGISTRO DAS INFORMAÇÕES DAS TELAS?”, buscou propor ao avaliador o seu ponto de vista final a respeito da ficha catalográfica. Este comando pode ser entendido como o mais subjetivo de todos, pois propõe ao indivíduo a opção de responder de forma mais crítica. Deste modo, esta interrogativa pode ser considerada a principal, e mais importante, maneira de se descobrir se a ficha obtém êxito no registro de informações. Com isso, este comando possibilita um maior aprofundamento do avaliador a respeito da dinâmica de catalogação.

Após a formulação deste questionário, foi possível aplicar esta avaliação sob a perspectiva de 10 indivíduos, onde estes puderam avaliar, com a ajuda desta metodologia, a ficha catalográfica da pinacoteca MIHGP, buscando assim testar a eficácia desta no procedimento de registro e organização



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

da informação. Dessa maneira, a escolha de dez indivíduos justifica-se pelo pequeno número de pesquisadores que buscam a instituição para fins acadêmicos, à vista disso, supõem-se que este pequeno fluxo de pesquisadores se dá por conta do MIHGP ainda se encontrar de portas fechadas.

4.2 GRUPO DE AVALIADORES

Para a formação dos grupos de indivíduos, foram considerados, primeiramente, sob uma perspectiva geral, perfis de personas que trabalhassem, ou tivessem algum contato, com um sistema de documentação museológica, sendo o manuseamento de fichas de catalogação o maior foco. Deste modo, por seguinte, foram escolhidos 10 indivíduos, a partir de suas experiências em meio a documentação em museus, reservas técnicas e demais centros de documentação. Os perfis destes indivíduos correspondiam às características necessárias para a aplicação do questionário de aplicação, sendo estas a de possuir experiência em preenchimento de fichas e em sistemas de catalogação e recuperação da informação.

Contudo, estes indivíduos apresentaram divergências em seus exercícios de preenchimento. Com isso, estes foram divididos em dois grandes grupos, onde o Grupo A se refere aos pesquisadores que trabalham, em meio período, em reservas técnicas, museus ou outro centro de documentação, dotados de marcos referenciais mais atuais e de modos de preenchimento diferentes. E o Grupo B, formado pelos profissionais de museus, onde estes já possuem uma experiência mais consolidada no meio, posicionando-se de forma tradicional e automática quando se diz respeito ao preenchimento das fichas, onde esta prática já fora estabelecida a partir de um manual elaborado pela instituição museológica.

Conforme dito anteriormente, foram selecionados dez voluntários para a realização deste experimento, 5 para o Grupo A, 5 para o Grupo B. Estes indivíduos estão ligados aos diferentes



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

museus e reservas técnicas localizadas na região metropolitana de Belém – Pa. Deste modo, foi possível obter opiniões variadas a respeito da eficácia da ficha catalográfica do MIHGP.

Esta divisão foi necessária pois a perspectiva de cada grupo, quando fora realizada a avaliação da ficha catalográfica, era divergente. Com isso, pode-se afirmar que os Pesquisadores e os Profissionais possuíam tendências mais próximas de suas experiências de documentação cotidiana. Deste modo, ressalta-se então que os dois grupos apresentaram visões diferentes a respeito da dinâmica de um instrumento de catalogação.

E experimento foi realizado por meio de uma simulação, no qual o convidado era o avaliador do instrumento de catalogação. Acompanhado da ficha catalográfica impressa, uma cópia em branco e outra preenchida, e junto ao questionário de avaliação já apresentado, o avaliador devia, ao analisar os campos da ficha catalográfica, preencher as questões, a partir das opiniões obtidas ao realizar a análise. Foi necessário apresentar duas cópias da ficha para que os voluntários pudessem visualizar o desenvolvimento de registro das informações.

Deste modo, ao utilizar este questionário, a avaliação já estava sendo feita. Pois o indivíduo escolhido estava realizando esse processo avaliativo a partir de suas experiências no meio. À vista disso, foi possível constatar se a ficha catalográfica possui eficácia ou não. A partir dos resultados obtidos, presentes no próximo capítulo.

4.3 PERFIL DOS AVALIADORES

Para o entendimento dos resultados, deve-se descrever o perfil dos avaliadores que permitiram evidenciar, a partir de seus pontos de vista, a eficiência desse instrumento de documentação.

4.3.1 GRUPO A – PESQUISADORES



Voluntário 1: Pesquisador com referências de preenchimento de fichas de registro de coleções de peças comemorativas. Possui também experiência em catalogação de acervos fotográficos.

Voluntário 2: Pesquisador com experiência em documentação em acervo de metal. Este também possui referências de catalogação in situ.

Voluntário 3: Pesquisador com experiência em registro e organização de acervos de moda. Este possui também experiência em aplicar fichas de catalogação em Reserva Técnica, além de tratar acervos referentes a peças teatrais.

Voluntário 4: Possui vivência na área de documentação de acervos militares, com ênfase em armaria e indumentária, executando atividades de marcação de objetos, assim como conservação e acondicionamento destes.

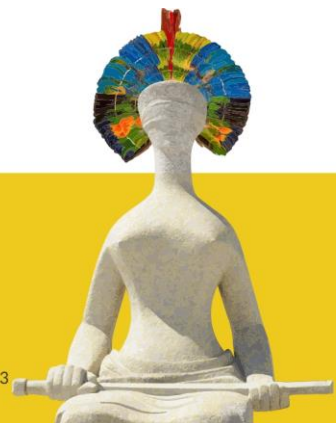
Voluntário 5: Possui experiência na área de catalogação de acervos científicos e paleontológicos, desenvolvendo também atividades de conservação em Reserva Técnica.

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



4.3.2 GRUPO B – PROFISSIONAIS

Voluntário 1: Profissional que possui vivência na área de sistematização de fichas de catalogação, atuando em uma instituição museológica de cunho universitário.

Voluntário 2: Profissional que possui experiência na área de conservação e restauro, com ênfase no acervo de telas, desenvolvendo também fichas que permitem o mapeamento de danos dos objetos. Atuante também em um museu universitário.

Voluntário 3: Profissional com formação pelo curso de Museologia da UFPA, possuindo vivência em desenvolvimento de instrumentos de registro e criação de bancos de dados. Atuou em uma coleção referente à categoria de artes visuais, pertencente a um museu universitário.

Voluntário 4: Profissional com formação em Arquivologia, possui experiência em organização e registro de arquivos históricos. Atua em uma instituição histórica, desenvolvendo também a manutenção destes arquivos.

Voluntário 5: Profissional que atua em uma Reserva Técnica de um museu universitário, executando atividades referentes ao preenchimento de ficha catalográfica, formulação de inventário e criação de métodos de conservação preventiva.

5. RESULTADOS

Ao serem apresentados ao primeiro comando do questionário, referente às opções de recuperação de uma tela da pinacoteca para a realização de uma pesquisa. Com o intuito de marcarem somente uma opção, os avaliadores do Grupo A apresentaram os seguintes resultados. Sob a perspectiva dos avaliadores do Grupo A, especificamente, pesquisadores que se relacionam com a documentação museológica, o meio de recuperação das telas mais preferível é a escolha do contexto



e datação histórica, com a porcentagem de 40%. As opções “Autoria da peça requerida”, “Número de inventário” e “Personalidade retratada na tela” quantificaram, ambas, uma porcentagem de 20% cada. Os demais meios não foram preferíveis por nenhum dos avaliadores do Grupo A.

O Grupo B foi formado por convidados que já possuem uma trajetória profissional dentro de museus e demais reservas técnicas. Deste modo, ao serem aplicados os questionários avaliativos, foram obtidos dados ligados à perspectiva profissional. diferente da perspectiva do Grupo A, o Grupo B apresentou uma preferência maior em recuperar uma tela pelo número de inventário da peça, preferência esta totalizada em uma porcentagem de 60%. A diferença entre os grupos se deu pois, por recorrerem ao Museu para a formulação de uma pesquisa, os avaliadores do Grupo A optaram por se referir à tela pelo seu contexto e datação. Com isso, evidenciou-se, sobre as principais perspectivas dos Avaliadores 4 e 5, que estes preferiam pedir uma tela da pinacoteca a partir de suas informações referentes ao momento e ano em que ela foi produzida. Comparada a vivência dos avaliadores do Grupo B, a escolha que se sobressai é pelo número de inventário. Dessa maneira, essa opção se deu por conta dos Voluntários 1, 4 e 5, pois estes possuem mais aproximação com a formulação de numerações de identificação, desse modo, esses avaliadores sentiram-se mais próximos desse meio. Por seguinte, os meios de recuperação igualmente escolhidos foram os de “Contexto e datação histórica” e “Autoria da peça requerida”, onde ambos totalizaram uma porcentagem de 20%.

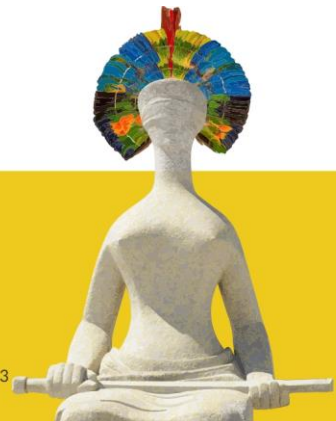
Com a soma dos resultados obtidos acima, e relacionando as perspectivas dos diferentes grupos, pode-se atentar que ao que se refere ao sistema de recuperação de telas do MIHGP, os meios mais preferíveis de recuperação de uma tela para a realização de pesquisas são a recuperação pelo “Número de inventário”, em uma porcentagem total de 80%, pelo “Contexto e datação histórica”, em uma porcentagem total de 60%, e por fim, pela “Autoria da peça”, com uma totalidade de 40%.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Com base nessas perspectivas, compreende-se que o sistema de recuperação de peças do MIHGP deve direcionar seus esforços para a otimização e evidenciação das informações referentes ao número de inventário das peças, onde, a partir de uma disseminação eficaz dessa numeração, por meios digital ou físico, será possível uma melhor captação das informações referente às telas. Deve-se ressaltar também o melhoramento do que diz respeito aos meios que evidenciam o contexto e datação histórica do objeto. Esta otimização pode ser identificada como a formulação de um texto informativo que possa indicar, se possível, onde e quando a peça foi produzida, assim como a inserção do número de inventário em qualquer meio de divulgação. Estas melhoras podem ser relacionadas com a divulgação de inventários, catálogos e fichas na internet, onde esta ação possibilita evidenciar estas informações.

A segunda interrogativa se refere à avaliação propriamente dita. Neste comando, foi possibilitado, aos voluntários componentes de ambos os grupos, avaliar cada campo de registro da ficha catalográfica do Museu. Com isso, era preciso estabelecer uma nota de relevância para estes campos, onde 0 significava a insignificância do campo e 10 se referia a excelência do campo avaliado.

Ressalta-se que ao serem obtidas as notas dos avaliadores de cada grupo (Ver Tabela 1), referentes aos campos da ficha, foi utilizada a média aritmética, onde foi possível somar as notas dos cinco avaliadores e dividir por 5, para se obter uma média final do campo de registro.

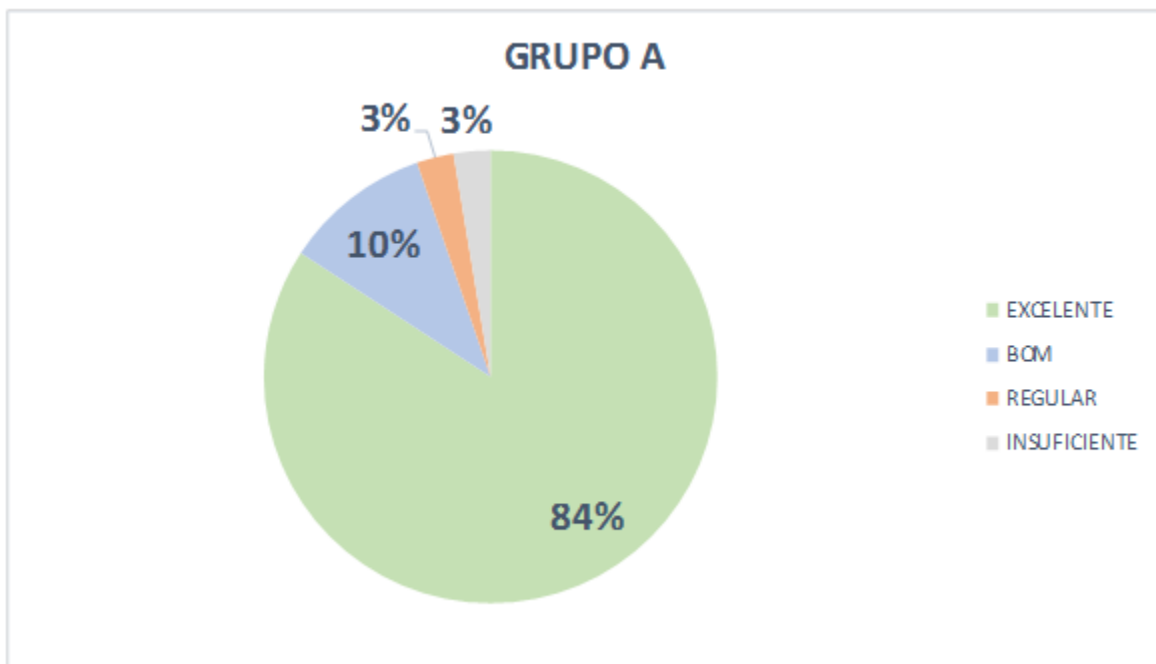
Ao serem obtidas as médias finais referentes aos campos de registro, a partir do cálculo acima, foi entendido que alguns campos foram avaliados com médias diferentes. Para o melhor entendimento dessa diferenciação, foi estabelecido que, com uma nota de 0 a 4.9, a média final era INSUFICIENTE, com uma nota de 5 a 6.9, a média final era REGULAR, com uma nota de 7 a 8.9, a média final era BOM, e com uma nota de 9 a 10, a média final era EXCELENTE.

Com isso, pôde-se atribuir estes conceitos à eficácia de registro e organização de cada campo da ficha catalográfica. Onde, a partir destes conceitos, foi possível evidenciar a funcionalidade deste



instrumento, ao exercer sua missão de registro de informações. Compreende-se que com a média final dos campos, definida por cada grupo, foi possível também evidenciar a eficácia de cada setor de registro. Por meio das avaliações, os convidados apontaram a eficiência a partir de suas experiências e práticas no campo da documentação museológica.

Podemos notar a funcionalidade da ficha, assim como a avaliação dos campos, a partir da perspectiva do grupo A, no gráfico a seguir.

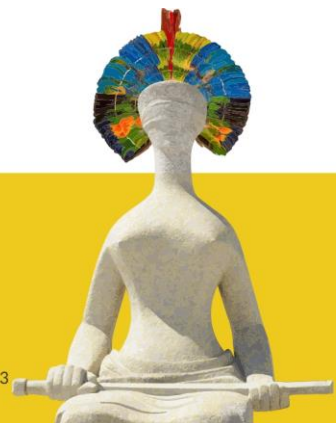


4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Nota-se, com base no gráfico acima, que grande parte dos campos de registro foram bem avaliados pelos voluntários do Grupo A, totalizando uma porcentagem de 84%. Com isso, compreende-se que o conceito Excelente foi atribuído de forma mais constante, quando comparado aos demais conceitos. Por seguinte, foi atribuída a porcentagem de 11% aos campos avaliados com Bom e 3% para os conceitos Regular e Insuficiente.

Contudo, ressalta-se que nem todos os campos obtiveram uma média final de 10. Neste grupo, os campos de registros que apresentaram uma suprema eficácia foram os referentes à titulação do objeto, à data de produção, ao estado de conservação e aos campos referentes às características estilísticas, técnicas e iconográficas, além dos dados históricos do artefato. Os campos referentes ao diagnóstico de conservação e recomendações para a peça foram também avaliados com média final de 10. Alguns campos não obtiveram nota máxima por falta de alguns décimos, com isso, especula-se que estes não agradaram tanto os avaliadores. Essa especulação se deu por conta de grande parte dos avaliadores atribuírem uma nota que representava sua insatisfação, como exemplo, o campo de “Observação, que foi avaliado com notas 5, 0, 10, 9, 10. Desse modo, compreende-se que, sob as vivências e experiências dos membros do Grupo A, a estruturação desse campo é irrelevante, pois não registra de forma eficaz, como afirma o Voluntário 2.

Os campos de registro que apresentaram um bom desempenho foram os de coleção, termo e nº de inventário anterior, assim como o campo referente aos dados de fotografia anexada na ficha. O desempenho regular pode ser reconhecido, principalmente, no campo de observação, com uma média final de 6.8. Assim como no campo de controle da imagem, com uma média final de 4.8, é adequado ao conceito insuficiente. Com isso, entende-se que, sob a perspectiva do Grupo A, formado por pesquisadores, o campo referente ao controle da fotografia não possui nenhuma significância no desempenho da ficha.



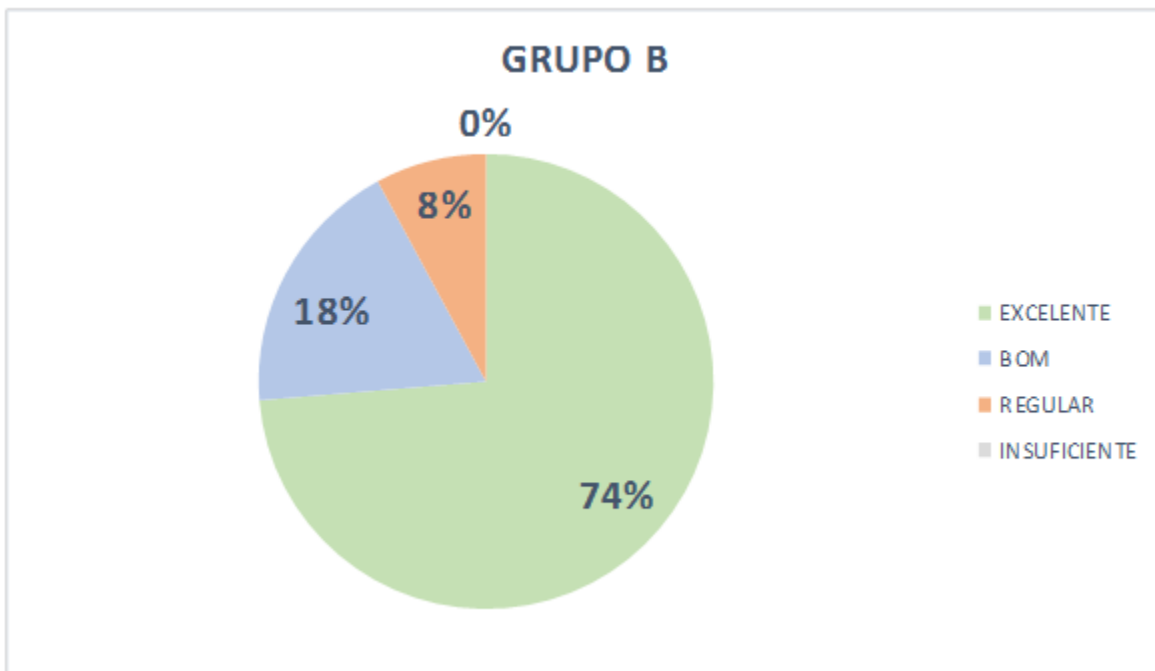
4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

Quando avaliados pelos voluntários do Grupo B, os campos de registro apresentaram os seguintes resultados.



Pode-se notar que as avaliações dos dois grupos se diferem de forma significativa. Neste grupo, não foi atribuída nenhuma média de conceito insuficiente. No entanto, novamente, a avaliação apresentou uma totalidade considerável de campos classificados como Excelente, com uma porcentagem de 74%. Em seguida, os campos sob o conceito Bom foram totalizados em uma porcentagem de 18% e os de conceito regular com 8%.

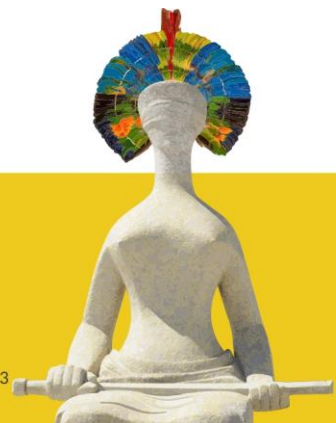
Neste grupo, foram atribuídas médias máximas de 10 aos campos de numeração de inventário, de título, autoria da peça e estado de conservação, assim como os campos referentes ao anexo da fotografia do objeto. Atenta-se que novamente os setores de registro referente ao campo

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRÁSÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



de “Título” e o estado de conservação obtiveram notas máxima, ressaltando assim a relevância destes na ficha. Outros campos foram atribuídos com notas satisfatórias, no entanto, estes não possuíam décimos suficientes para uma nota alta.

Os campos que apresentaram uma média final sob o conceito Bom foram os de coleção, intervenções a respeito da conservação do objeto e histórico de publicações, assim como os campos referentes aos responsáveis que preencheram a ficha. Os campos que se referem ao controle e dados da imagem também foram bem avaliados. Sob o conceito Regular, o campo referente ao diagnóstico do objeto apresentou uma média final de 6.6, o campo referente às recomendações de conservação foi avaliado com uma média final de 6.4, e, por fim, o campo sobre o valor do seguro foi avaliado com uma nota de 6.4.

Com isso, sob a perspectiva profissional do Grupo B, os campos avaliados com o conceito Regular apresentam alguma irrelevância, ou até mesmo uma falta de compreensão. Dessa maneira, estes não são coerentes no processo de registro da ficha catalográfica do MIHGP. As conclusões que se podem chegar, a partir das avaliações dos convidados, se relacionam com a atuação profissional destes. Dessa maneira, pode-se ressaltar a atribuição da nota 0, para os campos de “Valor do seguro”, pelo Avaliador 3 deste grupo, pois este afirmou que em sua vivência, esta informação era somente tratada de forma confidencial, não presente nas fichas de catalogação do museu em que esse avaliador atuou.

A terceira interrogativa propôs aos avaliadores a oportunidade de retirar algum campo de registro da ficha. Sob as escolhas de Sim/Não, os convidados deviam se posicionar sobre o recorte de algum setor de registro, onde caso marcassem sim, deveriam indicar qual campo seria excluído. Os avaliadores do Grupo A preferiram retirar um campo de registro da ficha, totalizando uma considerável porcentagem de 80%. Apenas uma porcentagem de 20% optou pela não exclusão de nenhum campo.



Como justificativa para a maior porcentagem, os avaliadores afirmaram que retirariam campos que, na visão destes, não contribuíam de nenhum modo para o desenvolvimento de preenchimento. Em grande parte, o campo referente ao “Controle da imagem” foi escolhido para ser retirado, sob os apontamentos de que este causava confusão no momento de compreensão do instrumento de registro. Ressalta-se também que este campo provocou aversão por conta da semelhança com o campo “Dados da imagem”, deste modo, grande parte dos avaliadores afirmaram que não há diferença entre os campos, somente há uma mudança de termo. Com isso, considera-se afirmar que sob a visão dos avaliadores do Grupo A, o campo referente ao controle da imagem da peça não possui nenhuma relevância, causando confusão e resultando na recomendação de descarte deste campo.

Os avaliadores do Grupo B apresentaram os seguintes resultados: a escolha em não se retirar nenhum campo de registro culminou em uma porcentagem de 60%. Com isso, o Grupo B apresentou apenas uma porcentagem de 40%, ao escolherem a opção de retirar algum campo.

Os campos escolhidos para serem excluídos foram os referentes ao diagnóstico de conservação; e ao valor de seguro, sob a justificativa de que esta categoria deve permanecer em sigilo institucional.

Ao contrário da terceira interrogativa, a quarta propôs aos avaliadores a escolha de adicionar campos na ficha catalográfica. Desta maneira, compreende-se que este comando possibilitou a captação de novas propostas de campos e o esclarecimento e especificação dos campos já presentes no documento de catalogação.

No Grupo A, 60% dos avaliadores optaram em não adicionar nenhum campo na ficha catalográfica. Contudo, deve-se considerar os 40% de avaliadores que optaram em adicionar algum campo. Os avaliadores desta porcentagem indicaram um detalhamento mais aprofundado do campo de diagnóstico de conservação, com um campo que se responsabilizasse somente pelas fotografias e



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

mapas dos danos encontrados na peça. Com isso, compreende-se que o Grupo A se preocupa com o detalhamento dos setores de registro que tratam a conservação e restauro da peça.

No Grupo B, notou-se a semelhança entre estes resultados com os do Grupo A, no qual 60% optaram pela não inclusão de novos campos e 40% sugeriram a inclusão. Os que optaram escolheram adicionar campos relacionados às intervenções realizadas no objeto, ou seja, os avaliadores elegeram a especificação deste campo, buscando indicar quais exames foram realizados na intervenção da peça, como exemplo, raio x ou qualquer intervenção realizada.

Foram sugeridos também uma otimização do campo referente aos materiais e técnicas, onde os avaliadores optaram em desmembrar estas duas categorias e apresenta-las em campos diferentes. Ou seja, um campo só para técnica, e outro só para material. Foi sugerida também a adição de opções referentes ao suporte do objeto.

Neste último comando, foi possibilitado aos avaliadores discorrer sobre a eficácia da ficha catalográfica do MIHGP, a partir de seu ponto de vista a respeito do desempenho deste instrumento no processo de registro e organização das informações dos acervos. De forma unânime, a ficha catalográfica recebeu aprovação de ambos os grupos, onde todos ressaltaram que esta obtém êxito em catalogar e organizar as informações dos objetos museológicos. No entanto, foram apresentadas várias ressalvas e problemáticas que puderam justificar o ponto de vista de cada avaliador. Em grande parte, os avaliadores afirmaram que a ficha catalográfica estava mal organizada, assim como a nomenclatura dos campos estava bastante resumida. Como exemplo, o Avaliador 4, do grupo A, e o Avaliador 3, do Grupo B, afirmaram desentendimento a respeito da nomenclatura do campo “Diagnóstico” e “Recomendações”, onde estes apontaram que não entenderam a que este campo se referia.

A problemática mais apontada pelos avaliadores do Grupo A se referia à organização e estruturação dos campos da ficha. Estes afirmaram que alguns setores de registro deveriam ser



desmembrados, realocados e mais especificados. Com isso, foram levantadas ressalvas a respeito do campo “Marcas e inscrições”, onde foi sugerido que este deveria estar conjugado ao item de descrição do objeto. Foram também levantadas ressalvas a respeito do campo de recomendações, onde deveria ser adicionado um campo de assinatura do profissional que recomendou novas intervenções. O campo de observações também foi problematizado, por conta de sua má localização na ficha, com isso, a recomendação a respeito da transferência desse campo para um espaço mais adequado também foi sugerida. Com isso, foi indicado que este setor fosse transferido para o macro campo de “Identificação do objeto”. Foi sugerido a realocação dos campos referentes à identificação do responsável que preencheu a ficha, onde este passaria para o final da ficha, possibilitando um melhor preenchimento de novas revisões. Por fim, foi sugerido também o campo referente ao controle da imagem fosse integrado ao item de dados da imagem.

No grupo B, foram levantadas ressalvas referentes ao campo de aquisição, onde este não especifica quais são os modos de aquisição definidos pelo MIHGP, com isso, foi sugerido que se adicionasse estas opções para que se pudesse compreender melhor o meio de aquisição da peça. No entanto, estes meios estão evidenciados no manual de preenchimento da ficha, sendo identificados como adoção, compra, coleta e permuta. Foram problematizados também os campos de “Diagnóstico” e “Recomendações”, onde os avaliadores afirmaram que estes não especificam a que se referem, mesmo com o destacamento do macro campo denominado “Conservação do objeto”. Com isso, foi sugerido uma renomeação destes campos. A sugestão de renomear foi atribuída também aos campos de “Preenchimento/data” e “Revisão/data”.

Com base nas avaliações dos voluntários dos diferentes grupos, pode-se afirmar que a ficha catalográfica do MIHGP possui êxito em sua missão de registrar e organizar as informações referentes aos variados acervos do Museu. Com isso, entende-se que ao executar os procedimentos de registro, este instrumento contribui de forma eficaz para a otimização do sistema de documentação da

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



instituição museológica. No entanto, deve-se considerar que, de acordo com os avaliadores, este instrumento também apresenta várias problemáticas em seu desempenho, com principal foco na estruturação dos campos da ficha. Deste modo, compreende-se que a ficha catalográfica apresenta também confusões quando analisadas, resultando em lacunas informacionais a respeito da catalogação dos dados da peça. À vista disso, infere-se que, sob a perspectiva de todos os avaliadores, este instrumento de catalogação contribui de forma satisfatória para o sistema de documentação do MIHGP, no entanto, devem ser aplicadas mudanças para um êxito máximo de registro, organização e difusão das informações das peças.

6. CONSIDERAÇÕES

Ao se desenvolver um instrumento para fins de registro das informações referentes aos acervos museológicos, como a ficha catalográfica, compreende-se que este deve promover meios que permitam o aprofundamento no conhecimento que compõem cada peça deste acervo. Deste modo, pode-se afirmar que a mesma possibilita organizar as características extrínsecas e intrínsecas pertencentes à peça, onde estas características contribuirão para formação do conhecimento.

Com isso, compreende-se também que a ficha catalográfica é integrante no processo de desenvolvimento de atividades e pesquisas realizadas nos museus, a partir de sua contribuição para a mediação das informações ali registradas. Dessa maneira, pode-se conceituar este instrumento como uma das peças que compõem os meios que posicionam o museu como uma instituição propagadora de conhecimento. Mediante isso, é possível afirmar que uma ficha catalográfica se define pelo seu caráter em captar, reunir e difundir os dados informacionais de diversos acervos museológicos.

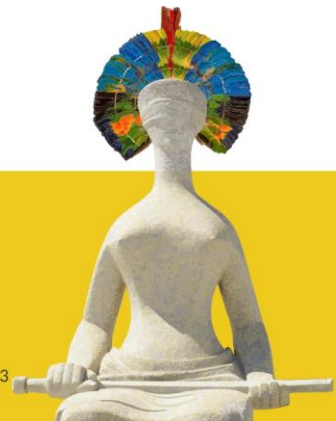
No entanto, vimos que devem ser formulados métodos que possam avaliar se este instrumento possui êxito ao ser utilizado. Essa avaliação permite testar a eficácia dos campos de

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



registro da ficha, buscando investigar se o processo de captação das informações funciona em sua plena capacidade. Sob essa perspectiva, o questionário que foi desenvolvido nesta pesquisa possibilitou aos avaliadores convidados, sob seus diferentes pontos de vista e práticas, se posicionarem a respeito da funcionalidade da ficha catalográfica do MIHGP, assim como sobre o sistema de recuperação das peças.

As críticas oferecidas pelos avaliadores permitem concluir que devem ser aplicadas melhorias nas formas de recuperação dos objetos museológicos pertencentes aos acervos do Museu. Com base nas avaliações obtidas, foi possível reconhecer que a escolha mais ampla para a recuperação desses objetos é pelo número de inventário, em grande parte escolhido pelos avaliadores do Grupo B, seguido pelo contexto e datação histórica, preferível pelos voluntários do Grupo A. Com isso, a partir do retorno deste estudo para o MIHGP, serão otimizados e criados meios que possam contribuir para o reconhecimento e a recuperação mais ágil dos objetos museológicos.

Considera-se também que a ficha catalográfica do MIHGP, por hora adotada somente pela pinacoteca da instituição, obtém um bom êxito em registrar e organizar os dados informacionais dos acervos museológicos. No entanto, compreende-se que os avaliadores apresentaram algumas ressalvas a respeito da organização dos seus campos, assim como a ausência de especificações referentes a outros itens de preenchimento. Ressalta-se que foram também levantadas confusões a respeito de alguns campos, que, para os convidados, não possuíam nenhuma relevância. Desta forma, a opção em se recortar, ou até reestruturar, alguns campos de registro da ficha, deve ser considerada.

Com o decorrer deste trabalho e com a realização das avaliações, foram surgindo discussões que se estendiam além do questionário aplicado. Apontamentos a respeito da formatação do número de inventário, organização do acervo e técnicas fotográficas foram levantados. Portanto, era inevitável que neste momento surgissem também recomendações para a adoção de novas tecnologias e informatização do sistema de documentação do MIHGP, com a criação de um banco de

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



dados. O melhoramento da ficha catalográfica também foi sugerido, a partir da indicação de normas de padronização atualizadas a respeito de novos meios que possibilitassem um melhor registro das características referentes aos acervos.

A avaliação de uma ficha catalográfica pode resultar em novas perspectivas e contribuições a respeito do sistema documental de um museu. Ressalta-se que ao abrir margem para indivíduos de outras instituições, podem-se obter as mais variadas recomendações e críticas sobre os instrumentos de registro de acervos. Este fator torna-se completamente positivo, pelo mérito em possibilitar diálogos e trocas de informações a respeito dos sistemas de documentação.

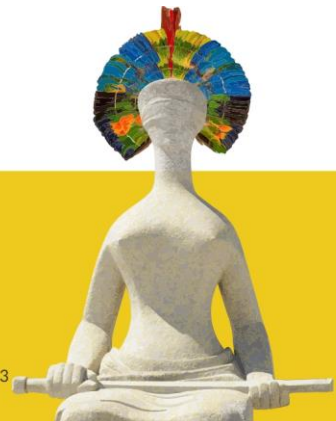
A ficha catalográfica contribui para o fluxo de informações pertencentes aos acervos de uma instituição. Entende-se que a avaliação deste instrumento se faz necessária, com intuito de investigar e otimizar a funcionalidade dos campos de registro de uma ficha. Mediante isso, a formulação e aplicação de um método avaliativo resultam no descobrimento de falhas, no qual estas poderão ser localizadas e resolvidas, melhorando o desempenho da ficha catalográfica. A partir dessas etapas de investigação e avaliação, esse instrumento poderá auxiliar nas potencialidades de uma instituição museológica.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



7. REFERÊNCIAS

BOTTALLO, M. Diretrizes em documentação museológica. In: ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE AMIGOS DO

MUSEU CASA DE PORTINARI. Documentação e conservação de acervos museológicos: diretrizes. Brodowski: Associação Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari; São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010, p. 48-79.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. Caderno de Diretrizes Museológicas. 2ª edição. Rio de Janeiro, IPHAN, 2006, p. 33-92.

CERAVOLO, Suely; TÁLAMO, F. Os museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, v. 7, p. 5, 2007.

Estatutos do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, p. 18

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: CADERNOS de ensaios, nº 2. Estudos de museologia. Rio de Janeiro, Minc/ Iphan, 1994.

PADILHA, Renata Cardozo. Coleção Estudos Museológicos, v.2. Documentação Museológica e Gestão de Acervos. Florianópolis: FCC edições, p. 13-39, 2014.

ROCHA, Cláudia Regina Alves da. Da Pinacoteca ao Museu: historicizando processos museológicos. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

